

Resenha

FORD, J. C. *Atheism at the Agora: A History of Unbelief in Ancient Greek Polytheism*. London; New York: Routledge, 2024.

*Jônatas Ferreira de Lima Souza*¹

Publicada em 2024 pela Routledge, a obra de James C. Ford, pesquisador na Universidade de Liverpool, intitulada: *Atheism at the Agora: A History of Unbelief in Ancient Greek Polytheism*, faz parte de um projeto de pesquisa voltado para o desenvolvimento de uma história dos marginalizados. A influência metodológica do autor parte justamente desse princípio. Nesse sentido, uma investigação da história dos ateus, ou do ateísmo, recorre ao mesmo princípio, para o autor, de investigações sociológicas, históricas e filosóficas a respeito de povos marginalizados, ou de minorias étnicas, ou até mesmo de grupos vulneráveis, como LGBTQIA+, mulheres e imigrantes/estrangeiros. No campo das religiões, considera a história do ateísmo, nessa lógica, semelhante à história da magia – isto é, como temas historicamente marginalizados ou *undergrounds*, na academia.

O autor inglês encontra-se entre os pesquisadores que, antes de qualquer pretensão, defendem a possibilidade de se trabalhar com ateísmo no mundo antigo, particularmente em Grécia e Roma, e medieval – isso, pois, existem também aqueles que defendem, ou defenderam, a sua impossibilidade, como L. Febvre, E. Frank e K. Löwith, nos anos de 1940 e 1950, por exemplo. Na ótica de

¹ Historiador, com graduação em licenciatura e bacharelado em História, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); com especialização em Tutoria EAD no Ensino Superior, pela FACUMINAS; com mestrado concluído em Letras Clássicas e com doutorado em andamento em Letras Clássicas, linha Interdisciplinar, ambos pela Faculdade de Letras, no Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLC-UFRJ); com pesquisa de tese, dentro do tema do ateísmo na Antiguidade grega (séculos V ao IV A.E.C.), sob fomento de bolsa CAPES de doutoramento (2022-2026) e orientada pelo prof. Dr. Pedro Ribeiro Martins (PPGLC). E-mail: jonatasferreira@letras.ufrj.br

Ford, e de muitos outros pesquisadores interessados, o ateísmo era um fenômeno que estava ali, à vista na ágora da pólis, junto das manifestações de crença e em constante diálogo com ela. Nesse sentido, o ateísmo, na obra, é explorado como uma forma de imaginário, de mentalidade, de intelectualidade. Assim, o ateísmo transpassaria por todos os aspectos da vida na pólis, do político ao ritual, do público ao privado.

Para o interesse contextual da obra, o ateísmo significa, nas palavras do autor: *“the various forms of unbelief in the right gods and/or the failure to worship them in appropriate ways”* (Ford, 2024, p. 17). Ou seja, ateísmo como uma prática, identificada de diferentes formas, em que pessoas poderiam demonstrar descrença em seres sobrenaturais, divinos, principalmente voltada aos teônimos reverenciados pela maioria, na pólis, considerados os “corretos”; bem como, a pessoas que erravam ou falhavam na maneira considerada apropriada de reverenciar tais teônimos.

Em alguns contextos específicos, dessa realidade antiga, na pólis ateniense, e principalmente registrada na literatura filosófica e nas tragédias e comédias, poderia se considerar “ateísta”, nas palavras de Ford: *“people who have lost connection with divine law and justice, which has led them into immoral behaviour such as the breaking of societal pacts on the basis of justice, concord, and so on.”* (Ford, 2024, p. 9). Nessa ótica, o autor mostra que os teônimos não seriam considerados apenas personagens e objetos da cultura artística, ritual ou literária local, mas também símbolos da justiça, da lei, da ordem, da normatividade, do bom e do belo, da justeza; pessoas assim identificadas com palavras como *átneos*, *atheótēs* e *asébeia*, poderiam incorrer em processos de impiedade, como no caso de Sócrates, acusados então de se comportarem, na ágora, de forma imoral, inapropriada e irreverente perante o ali aceito como divino e sagrado, fato esse que, segundo o autor, romperia com os laços sociais ali concordados e estabelecidos entre os cidadãos da pólis (cf. *“Conclusion: Belief in unbelief” In: Ford, 2024, p. 168-175*).

Para o desenvolvimento de sua proposta na obra, o autor inglês dividiu-a em sete capítulos: “1. Introduction: Clearing the landscape of Greek atheism” (p. 1-22) – parte em que Ford justifica suas escolhas, principalmente no que diz respeito a um estudo fundamentado em abordagens interdisciplinares, com o objetivo de analisar o modo como o ateísmo poderia ser percebido na cultura helênica; “2. Foundations: Learning (un)belief in the Greek religious environment” (p. 23-48) – seção em que o autor explora o lugar da crença nos espaços de educação na Hélade, demonstrando que a descrença, nesse âmbito, seria então considerada uma forma de problema para a conservação dos valores cívicos da pólis; “3. Morality: Atheist ethics and immorality in the Greek imagination” (p. 49-70) – neste, o autor analisa a relação entre o divino e a moralidade na cultura da pólis, defendendo aí a existência clara de uma pluralidade de teorias acerca da moral que concorriam entre si, estas que, segundo defende, se desenvolviam de forma independente da crença em seres divinos, voltadas principalmente para um imaginário de vida cívica pública e coletiva. Com isso, demonstra que ateísmo e imoralidade nem sempre estarão conectados, como se pode imaginar; “4. Theology: Discourses of (a)theology and the evolution of Greek belief” (p. 71-97) – capítulo em que Ford explora discursos e ideias sobre os seres divinos, no contexto arcaico e clássico da Grécia (dos séculos VIII a IV A.E.C.), demonstrando, com isso, a existência de diversas opiniões e perspectivas que poderiam ser também duvidosas, ateístas e críticas a esse respeito, essas consideradas então, pelo autor, cruciais para o desenvolvimento da crença teológica helênica; “5. Unknowability: The piety of agnosticism in Greek philosophy and practice” (p. 98-120) – aqui o autor demonstra que a flexibilidade, e não a ortodoxia, fora decisiva na teologia grega, e esse cenário ímpar permitiu a ocorrência de pensamentos de incerteza acerca da existência ou não de seres sobrenaturais e divinos. Assim, qualquer certeza proferida sobre o divino poderia ser considerada até mais prejudicial do que qualquer dúvida e crítica argumentada; “6. Othering: Mediating the legitimacy

of (a)theism and the creation of Greek identity” (p. 121-142) – parte em que Ford reforça os argumentos do capítulo anterior, ao mostrar que a construção da crença helênica, na pólis, não seria doutrinária, mas sim muito mais um espaço de moderação social, baseada em normas de convivência coletiva que, em vários casos, poderia se adequar perante situação específica, sendo assim, flexível. Mediante tal cenário, o autor mostra que o espaço do ateísmo estaria na alteridade da crença, junto de magia e superstição, contribuindo para o seu desenvolvimento e para o imaginário de uma crença adequada para um contexto situacional e formador de identidade; “7. Scapegoats: The threat of atheism to the ancient Greek city” (p. 143-167) – por fim, o autor mostra que, apesar de pensamentos e argumentos de dúvida, crítica e ateísmo terem existido com certa liberdade na pólis, os períodos de tensão social, como de guerras e de pestes, minavam negativamente essa liberdade, podendo tornar, assim, o ateísmo, em um bode expiatório, diante de um desespero sociopolítico em buscar solução rápida para problemas complexos – que indubitavelmente passa pela crença em seres divinos e na intervenção destes no mundo dos mortais, num jogo de recompensa e de castigo.

Essa obra, ainda sem tradução para a língua portuguesa, entra definitivamente para o rol de bibliografias necessárias para qualquer estudo sobre religião grega e, evidentemente, para estudos sobre o tema do ateísmo na Antiguidade. Ela mostra-se como uma alternativa aos trabalhos já existentes, esses mais preocupados com a formulação de listas de indivíduos considerados ateus ou potenciais ateus na Antiguidade, com o trabalho específico sobre vida e obra de um ou de alguns desses indivíduos envolvidos com o tema, ou, com a pura narrativa cronológica de uma história do ateísmo na Antiguidade, já que o autor tenta desvencilhar-se desses através de uma perspectiva metodológica mais interdisciplinar e muito mais voltada para o estudo sobre a formação de uma mentalidade cognitiva social sobre o ateísmo e a descrença, no contexto da

Grécia antiga. A obra não se encerra em si mesma, e abre portas para que novas pesquisas sejam propostas a partir de sua atenta leitura.